

BRILHANTES DA CABEÇA, CASCALHOS NO BOLSO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA TRAJETÓRIA SOCIAL DE ASSIS CHATEAUBRIAND

Henrique da Costa Valério Quagliato¹

Resumo: O presente texto se debruça sobre uma parte da trajetória social de Assis Chateaubriand - o magnata das telecomunicações brasileira, que, por muitos anos comandou o conglomerado *Diários Associados* - com o objetivo de refletir sobre a viabilidade da análise dessa figura sob o conjunto de ferramentas que uma Sociologia focada na relação entre famílias, poder, instituições e relações de favorecimento. Após uma discussão sobre os parâmetros metodológicos necessários para uma análise criteriosa, este trabalho se aprofunda no principal ramo genealógico do grupo familiar ao qual Chateaubriand é filiado; em seguida, são analisados o período de formação de nosso investigado e o momento em que as dinâmicas de reconversão de capitais e utilização de recursos (simbólicos e financeiros) herdados o permitem construir o começo de sua fortuna e atuar em momentos decisivos da história do Brasil - especificamente, a revolução de 1930 e a formação da Aliança Liberal em torno de Getúlio Vargas. Assim, o artigo demonstra a complexa e intrincada ligação entre a construção de um grande patrimônio que transpassa diversas instituições e campos de competição social.

Palavras-chave: Assis Chateaubriand; Trajetória; Comunicação brasileira.

A HEAD FULL OF JEWELRY, A POCKET FULL OF GRAVEL: NOTES FOR A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF ASSIS CHATEAUBRIAND'S SOCIAL TRAJECTORY

Abstract

This paper focuses on a part of Assis Chateaubriand's social trajectory - the Brazilian media giant, who, for many years, directed and owned the conglomerate *Diários Associados* - with the aim of reflecting on the feasibility of analyzing this figure under the set of tools that Sociology, when focused on the relationship between families, power, institutions and favoritism, can offer. After a discussion on the methodological parameters necessary for a careful analysis, this work delves into the main genealogical branch of the family group to which Chateaubriand belongs; then, we look at the period of formation of our subject and at the moment in which the dynamics of reconversion of capitals and use of resources (symbolic and financial) inherited allow him to build the beginning of his fortune and act in decisive moments of the history of Brazil - specifically, the 1930 revolution and the formation of the Liberal Alliance around Getúlio Vargas. Thus, the article demonstrates the complex and intricate connection between the construction of heritage that crosses several institutions and fields of social competition.

Keywords: Assis Chateaubriand; Trajectory; Brazilian Communication.

Introdução

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR; Mestre em Sociologia pela mesma universidade. Contato: henriquequagliato95@gmail.com

“Chateaubriand tem brilhantes na cabeça, mas carrega cascalhos nos bolsos. [...] Ninguém traz um arsenal intelectual como o que dizem ter para gastá-lo em panfletos ou na tribuna. O destino desse moço aqui no Rio é o poder” (MORAIS, 1994, p. 95). Ao fim de uma longínqua década de 1910, o poeta e jornalista Olavo Bilac descreveu desta maneira um jovem Assis Chateaubriand, recém-estabelecido na cidade do Rio de Janeiro. À época de sua morte, em 1968, seu conglomerado midiático, os *Diários Associados*, contava com dezenas de emissoras de rádio e televisão, uma quantidade igualmente grande de jornais, revistas para adultos e crianças, bem como uma editora própria. (FERNANDES; COUTINHO; MATA, 2011). O presente texto se debruça sobre algumas das possibilidades sociológicas de elucidação da trajetória de um dos maiores empresários do ramo da comunicação na história nacional. No trabalho que segue, pretende-se explorar partes de sua biografia a fim de entender que tipo de lógicas sociais, recursos e capitais foram angariados, instrumentalizados, convertidos e implementados como partes de um projeto de acumulação de riqueza, status, poder e influência em meio às elites brasileiras.

Aqui nos dedicamos a explorar dois representativos períodos da vida de Chateaubriand para que constatemos como determinadas heranças intelectuais e simbólicas influenciaram sua formação e como os recursos captados a partir desse lugar lhe permitiram dar início a um verdadeiro império das telecomunicações e influenciar importantes eventos na história brasileira do último século. Primeiramente, serão sua genealogia e os anos de sua formação intelectual, até seu estabelecimento na antiga Capital Federal para que, em seguida, possa-se compreender o começo de sua acumulação de riquezas e influência a partir do envolvimento com a Aliança Liberal e chegada de Getúlio Vargas ao poder nos anos de 1930. Em outras palavras, objetivo deste texto é empregar uma aparelhagem sociológica para entender como os brilhantes referidos por Bilac chegaram à cabeça do jovem bacharel e jornalista e como seu arsenal intelectual logo preencheu seus bolsos com muito mais do que cascalhos - levando-o a fundar um dos maiores conglomerados de mídia do Brasil.

Contudo, antes de prosseguirmos são necessários alguns comentários de ordem metodológica para que entendamos quais são as condições nas quais se pode analisar a trajetória de Assis Chateaubriand.

De *CHATÔ* a Chateaubriand: precauções sociológicas para a observação de uma trajetória

Tentando driblar formas reificadas e romantizadas através das quais a história de Assis Chateaubriand tem sido comumente contada até o momento, é possível pensar na proposta da

promoção de uma sociologia das relações entre instituições e poder como um meio eficaz de observar indivíduos não pelas suas capacidades empreendedoras ou por suas excentricidades, mas sim pelas formas como sua localização social - seu pertencimento de classe, sua genealogia familiar. Essa abordagem permite compreender os desdobramentos de uma vida dentro de determinada estrutura societal. Dessa forma, deve-se diferenciar a presente proposta daquelas presentes em outros estudos acadêmicos debruçados sobre a mesma figura ao longo dos últimos anos.

Devemos enfatizar a importância de trabalhos a respeito da vida de Chateaubriand publicados nos periódicos dedicados às discussões da Comunicação Social no Brasil. Alguns trabalhos utilizam-no como uma espécie de marco temporal no esboço de cronologias disciplinarmente chanceladas. Neles, o empresário é visto, por vezes, como um elemento de fundo para a recente internacionalização de grupos de mídia brasileiros (FADUL, 1998), como uma menção obrigatória para uma reconstituição da história do mercado editorial nacional (BAPTISTA; ABREU, 2010) ou da história da inauguração da televisão no Brasil (SILVA, 2020). Ainda nessa área, outros trabalhos escolhem tratá-lo centralmente como patrimônio da imprensa no Brasil, comparando-o a outros nomes da telecomunicação para a reconstituição da excêntrica e polêmica "era dos grandes comunicadores" (LIMA, 2001). Outros estudos, como o de Thiago Aguiar de Castro (2019), do ramo da Administração, endossam uma análise focada nas ações de inovação e empreendedorismo de Chateaubriand, enquanto trabalhos ligados à História (MIGUEL, 2000) questionam compêndios de História do Brasil pela ausência do nome do empresário paraibano.

Contudo o interesse desta empreitada analítica está em abordar sociologicamente a trajetória de Assis Chateaubriand, para tratá-lo como mais do que um indivíduo - entendendo-o enquanto pertencente a uma classe social e portador de determinados recursos e *habitus* a partir dos quais pode-se compreender suas ações sociais em meio ao seu tempo histórico. Nesse sentido, a presente análise tem sua pertinência apoiada justamente sobre a construção de uma abordagem sociológica, voltada a entender como se dá a relação entre acumulação de poder e a genealogia, aplicada à uma figura expressiva do campo das comunicações midiáticas e da história política do país.

Contudo, a que tipo de Sociologia reportamo-nos quando pretendemos olhar para um objeto como este? Posto de forma breve, tendo em vista a preocupação com a utilização dos referenciais teóricos e metodológicos *em função* dos dados empíricos, este trabalho se baseia em uma abordagem genealógica substantiva, como proposta fora do Brasil por autores como por Daniel Bertaux (1995; 1979) e, na sociologia brasileira, por autores como Ricardo Costa de Oliveira (2012; 2020). Tal via analítica se preocupa com as possibilidades de observação da mobilidade social, das estratégias de

acumulação de riqueza e manutenção de condições de classe em relação à organização familiar, tendo em vista sua influência como um espaço de investimento e acúmulo de recursos mobilizados nas competições sociais dentro de diferentes situações. Nesse sentido, as genealogias - e as histórias familiares que elas contam - permitem entender e explicar trajetórias individuais como mais do que o resultado do esforço ou das habilidades manifestadas por determinado ator social - possibilitando a observação científica do próprio cabedal individual que marca o percurso de uma vida como parte de um processo complexo de longa duração na transferência de meios financeiros, bem como bens simbólicos e culturais.

Com efeito, o foco nesse tipo de abordagem sociológica impacta o uso metodológico de olhares voltados sobre a vida em uma escala mais específica. Vistas sob a ótica da genealogia, perspectivas como aquelas propostas pelo "ajuste de lentes" ao qual se refere Norbert Elias (1994) ou mesmo da "história dos homens comuns" de António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques (2003) trazem uma importante profundidade à preocupação com a identificação de antepassados e com a investigação de uma trajetória em que, um a um, os atores sociais formam a constelação que, ao longo da uma vida, pode ser reconstituída num movimento através do qual ligam-se os pontos e explica-se os deslocamentos ao longo da história de um indivíduo.

Munido desse conjunto de ferramentas analíticas, pode-se, a partir da Sociologia, disputar o espaço da proposição de maneiras pelas quais se pode explicar a trajetória da figura em questão neste texto. A questão deve ser posta dessa maneira - como uma *disputa* - pois, em termos metodológicos, deve-se constatar que este e todos estudos acadêmicos produzidos sobre Assis Chateaubriand tiram o grosso de suas informações de uma mesma fonte: a biografia *Chatô, O Rei do Brasil*, publicada em 1994 por Fernando de Moraes.² Contudo, entre Chatô e Chateaubriand existe uma importante distância. E, ainda que, como afirma Sabina Loriga (SOUZA; LOPES, 2012), as fronteiras que separam a empreitada biográfica e científica seja muitas vezes instável e fluida, a separação entre Chatô e Chateaubriand pode espelhar a diferença da forma como se encara aqui o gênero das biografias - muitas vezes preocupadas em apresentar um personagem excêntrico, amável, polêmico e, em última medida, interessante e vendável para o leitor - e a abordagem sociológica - preocupada com as análises possibilitadas a partir dos dados tomados em sua relevância substantiva para um estudo teórica e metodologicamente amparado.

² Ainda que a bem documentada biografia escrita por Moraes seja uma importante fonte de dados para este trabalho, muitas informações a respeito da genealogia de Chateaubriand e de outras confirmações laterais necessitaram a busca por vias diferente. Este estudo não se baseia apenas em *Chatô, O Rei do Brasil* (1994).

Por fim, deve-se ressaltar que a escolha pelos períodos escolhidos para o acompanhamento analítico da trajetória de Chateaubriand foram necessários tendo em vista a impossibilidade de uma análise criteriosa da forma como seu lugar de saída, recheado de espólios intelectuais e contatos, aos poucos, abriria as portas das instituições políticas e do mercado a partir de uma estratégia de ativação de recursos e conversão de capitais que, por sua vez, culminaram na construção de uma constelação de relações que lhe possibilitou influenciar processos comerciais, políticos e sociais ao longo de grande parte de sua vida. Tentamos escolher assim períodos representativos de sua formação e sua ascensão social como empresário do ramo midiático.

Sobrenomes inventados, heranças reais: os primeiros Chateaubriand na Paraíba

Se, escolhendo o estado de nascença de Assis Chateaubriand, procurássemos por uma genealogia ligada ao sobrenome no estado Paraíba, nós não encontrariam uma vasta linhagem e nem mesmo uma linearidade que os conecte a qualquer grupo familiar europeu com este nome. Isso porque, nesse caso, *Chateaubriand* tornou-se um sobrenome para esta família apenas na segunda metade do século XIX. Aquele que viria a se tornar um dos magnatas dos conglomerados da comunicação pertence, antes de mais nada, ao ramo dos Bandeira de Melo.

Através de sua linhagem paterna, Assis Chateaubriand é ligado aos Bandeira de Melo (MORAIS, 1994, p. 30) uma importante família da elite paraibana, presente no Brasil desde o século XVI. Segundo a tese de Mozart Menezes (2005), a família se originou em Portugal e teve, em Felipe e Pedro Bandeira de Melo, os primeiros enviados para a colônia pelos idos de 1532.

O cruzamento de dados realizado por diversos pesquisadores (CHAVER JÚNIOR, 2013; 2015; SANTOS, 2015; DINIZ; 2013), nos permite verificar, de saída, a importância do agrupamento familiar em questão. Em sua quarta geração em solo nacional, os Bandeira de Melo foram agraciados com a nomeação do capitão e alferes Bento Bandeira de Melo para o Ofício de Escrivão da Fazenda Real, Alfândega e Almoxarifado da Capitania Real da Paraíba em 1656.³ Outros gozavam de importantes cargos militares, como Hipólito Bandeira de Melo que, por exemplo, era Cavaleiro Fidalgo da Casa Real e, posteriormente, tornou-se tenente-coronel de Infantaria das Ordenanças da Capitania da Paraíba. Ainda pelo ramo derivado de Pedro Bandeira de Melo, constata-se a

³ O trabalho de Yara Santos (2015) também mostra que uma dupla nomeação ao cargo - envolvendo o capitão Lopo Curado Garro, indicado ao mesmo ofício três anos antes - geraria um conjunto de conflitos entre as elites da antiga capitania. Essa disputa se desenrolou através da história do século seguinte naquela parte da América portuguesa, com resolução favorável aos Bandeira de Melo.

participação da família em eventos relevantes para os destinos da antiga capitania: os irmãos de Hipólito, sargento José Bandeira de Mello, Quitéria Bandeira de Mello e Padre Antônio Bandeira de Mello⁴ foram envolvidos no escândalo da tentativa de assassinato ao governador e capitão-mor da Paraíba em 1769.

Contudo, deve-se constatar que Assis Chateaubriand descende mais especificamente do ramo iniciado a partir de Felipe Bandeira de Melo, através de uma linhagem não menos recheada de figuras relevantes e influentes no contexto da relação entre metrópole e colônia.⁵ No século XVIII, o neto homônimo do pioneiro Bandeira de Melo, por exemplo, chegou a ser governador da Praça-forte de Almeida em Portugal, participando da Guerra da Restauração (MELLO, 2007). De volta ao Brasil, administrou a Capitania de Porto Seguro, onde combateu invasores holandeses, atuando também na luta contra invasores na Capitania da Paraíba. Outros militares como o capitão Sebastião Dias de Abreu foram incluídos na família através de seu casamento com Helena da Cunha Bandeira de Melo - união da qual surgiu Valentim Dias de Mello, que chegou a ser Sargento-Mor da Paraíba (BARRETO, 2010).

Algumas gerações à frente, o grau de influência de membros da linhagem Bandeira de Melo passa a aumentar. Entre os bisnetos de Valentim Dias de Mello - tio-avôs de Assis Chateaubriand -, encontram-se nomes como os de Jerônimo Martiniano Figueira de Mello, magistrado e político que na primeira metade do século XVII como promotor público da Corte, juiz de direito da comarca da Fortaleza e Pernambuco e desembargador da Relação de Pernambuco. Ali exerceu o lugar de procurador da Coroa, Fazenda e Soberania Nacional. Mais tarde, em 1873, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça, e, ao fim de sua carreira, foi agraciado com diversos títulos: de D. Pedro II, recebeu grau de dignitário da Imperial Ordem da Rosa; o foro de Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, e a Grã-Cruz da Imperial Ordem de Cristo. Seu irmão, João Capistrano Bandeira de Melo, também atuou como magistrado, construindo mais tarde uma longa carreira política. Chegou a ser presidente da província das Alagoas entre 1848 e 1849, atuando também na Paraíba, entre 1853 e 1854 e, em Minas Gerais, entre 1877 e 1878. Como seu irmão, também se tornou parte do conselho de do monarca brasileiro e Comendador da Ordem da Rosa. Antes disso, construiu legislaturas entre os anos de 1839 e 1841; 1850 e 1852; 1861 e 1864; e em 1871.

⁴ O último sobrenome dos três irmãos, especificamente, é escrito como "Mello" em respeito a documentação que os cita dessa maneira nos artigos que analisam eventos históricos nos quais estão inseridos.

⁵ O Anexo 1 do presente trabalho traz uma representação visual da genealogia dos Bandeira de Melo, construída por mim.

Assim, quando chegamos finalmente ao pai de Assis Chateaubriand, Francisco José Bandeira de Melo, devemos nos manter céticos a respeito da descrição oferecida por Fernando de Moraes (1994, p. 31) quando o apresenta como "um modesto juiz municipal". Ainda que, como diz o biógrafo, uma seca em 1877 tenha falido os Bandeira de Melo, não podemos nos desconsiderar tão rapidamente a reminiscência de tamanha influência e a possível herança de outros recursos (simbólicos e culturais) transmitidos de formas menos protocolares - mas não menos importantes - quando comparadas ao capital financeiro. Por mais que uma narrativa que tente localizar o nosso analisado deste estudo em algo como um berço da classe média possa parecer concebível ou razoável, estaríamos sendo ingênuos se ignorássemos o peso de uma família formada, geração após geração, por militares e magistrados no século em que Lilia Schwarcz (1993, p. 186) descreveu essas duas carreiras como duas das principais escolhas "dos eleitos" da nação - sendo o profissional do direito, mais especificamente, aquele que gozava de prestígio social e poder político dentro de um país interessado em criar elites próprias de pensamento e direção política.

Esse contexto genealógico nos permite começar a entender de forma mais contextualizada por que, no dia 4 de outubro de 1892, um novo membro da família Bandeira de Melo - filho de Francisco José Bandeira de Melo e Maria Carmem Guedes Gondim - receberia o nome Francisco de Assis *Chateaubriand* Bandeira de Melo. Antes de lançarmos sobre a questão um olhar analítico propriamente sociológico, vejamos como Moraes apresenta o sobrenome ao leitor de sua biografia:

O sobrenome - Chateaubriand Bandeira de Melo -, no entanto, além de lhe emprestar uma opulência familiar que a seca e as vicissitudes haviam devastado décadas antes, ocultava a raiz do tronco materno, Guedes Gondim, e exibia extravagância europeia pouco comum naqueles confins no final do século XIX. Esquisito e impronunciável para a maioria das pessoas do lugar, o Chateaubriand de seu nome nasceria singelamente de um gosto do avô paterno. Admirador do poeta e pensador francês, o fazendeiro e plantador de algodão José Bandeira de Melo comprara em meados do século uma escola na região de São João do Cariri, na Paraíba, e batizara o estabelecimento com o sonoro nome de Colégio François René Chateaubriand. Custou pouco para que ele ficasse conhecido como "o seu José do Chateaubriand". E menos ainda para a corruptela popular se encarregar de comer a contração e ele virar apenas José Chateaubriand. Apesar de difícil, o nome se incorporou ao dono com tal força que ao nascer-lhe o primeiro filho, Francisco José, ele não hesitou em registrá-lo com o sobrenome francês. Com o segundo foi mais simples: ele batizou-o nada menos que com o nome de Chateaubriand Bandeira de Melo. (MORAIS, 1994, p. 30-31)

Contextualizada genealogicamente, a passagem acima mostra que a escolha do sobrenome Chateaubriand tem raízes mais profundas do que o simples desejo de seu avô paterno. Na verdade, é fato bem estabelecido por sociólogos como Pierre Bourdieu (2006) que não há nada de singelo no universo dos gostos. Funcionando como marcador de uma distinção social, ele indica o acesso e as

estratégias de manutenção do capital cultural como forma de elaboração simbólica da diferença entre aqueles que têm mais e aqueles que têm menos. Em homenagem a um poeta francês de nome impronunciável para a grande maioria de pessoas daquela Paraíba do século XIX, "Chateaubriand" é como um sobrenome inventado que carrega consigo heranças bastante reais: os espólios culturais de uma família geracionalmente letrada e bem localizada no universo das influências políticas e sociais da região. Como um apêndice de "Bandeira de Melo", "Chateaubriand" cristaliza um patrimônio constituído por um eruditismo disponível, via de regra, apenas para camadas mais privilegiadas da sociedade colonial. Ainda que o personagem principal deste artigo não tenha nascido em uma casa indubitavelmente abastada, não parece haver necessidade de um esforço muito grande para que se reconheça a importância do arcabouço intelectual que o envolvia no grupo familiar ao qual estava ligado através de seu pai.

O rastro de registros de possibilariam a reconstituição de uma genealogia para Maria Carmen Guedes Gondim é bem menos pronunciado. Essa escassez impede uma reconstituição mais completa de sua árvore genealógica. Contudo, Fernando de Moraes (1994) apresenta a mãe de Assis Chateaubriand como herdeira das famílias Marinho Falcão, dos Correia de Oliveira e dos Guedes Gondim, latifundiários e senhores de engenho em terras próximas ao estado da Paraíba.⁶ Seu avô, Urbano Gondim, por exemplo, era fazendeiro em Timbaúba (RN) e capitão da Guarda Nacional. Sabe-se também da proximidade entre a Maria Carmen e João Alfredo Correia de Oliveira, político que, não só apresentou os pais de Assis Chateaubriand um ao outro, como, sendo presidente do Conselho de Ministros e simultaneamente ministro da Fazenda, concedeu a Francisco José Bandeira de Melo o cobiçado cargo de promotor público em Goiás (estado de sua esposa) logo no início de sua carreira (MORAIS, 1944, p. 31).

Dessa forma, esse conjunto de recursos herdados talvez nos ofereça a principal forma de explicarmos como se deu a formação de Assis Chateaubriand e como essa formação o alavancou em direção ao Rio de Janeiro e lhe concedeu a possibilidade de circular entre os nomes mais influentes, abastados e poderosos de um Brasil que começava a caminhar mais rapidamente em direção à modernização do século XX.

⁶ No período da infância de Assis Chateaubriand, as posses de Urbano Gondim são descritas da seguinte maneira por Fernando de Moraes (1994, p. 36): "As propriedades do capitão Urbano compreendiam um engenho de açúcar em Sapé e outro em Lagoa Cercada, a fazenda Manoel de Matos, de algodão e raras cabeças de gado, no vilarejo de Rosa e Silva, e a fazenda principal, Mocós Velho, toda plantada de cana-de-açúcar e que ficava em Timbaúba, onde ele passaria a viver a partir daquele dia. A rigor, o município de Timbaúba é que tinha sido edificado dentro das terras do capitão. Tudo margeando um e outro lado do rio Capibaribe Mirim."

Brilhantes na cabeça: a formação do jovem Assis Chateaubriand

Para a compreensão da trajetória de Assis Chateaubriand, é central que entendamos que, ainda que o esforço de o biografar seja marcado por profunda seriedade e alcance com isso uma grande quantidade de detalhes sobre sua vida, ele também incorre em uma linguagem muitas vezes preocupada com a apresentação do biografado como alguém único, singular, interessante, alguém com quem o leitor possa se relacionar e por possa sentir empatia. Frente a isso, a Sociologia deve proceder com cautela. Como em um diagrama de anatomia corporal, deve desfazer-se da atenção comumente dedicada às camadas mais superficiais da apresentação da figura retratada para focar-se na ossatura e naquilo que confere carne ao esforço de recomposição da relações, escolhas e recursos que possibilitam a compreensão sociológica de uma vida. Assim, este trabalho se foca nos dados oferecidos por Moraes (1994), tentando desvincilar-se de detalhes menos relevantes para um olhar sociológico como o proposto aqui.

Se até aqui tem sido reforçada a importância dos capitais culturais e recursos intelectuais herdados pelo ramo dos Bandeira de Melo ao qual Assis Chateaubriand era ligado, pode parecer estranho constatar que o sujeito dessa pesquisa permaneceu fora de instituições formais de ensino até quase os 10 anos de idade por conta de uma gagueira que afetava bastante sua habilidade de convívio social. Isso, contudo, não significa que tenha ficado ausente de uma apresentação ao mundo da erudição: “[...] o pai preservava o refinamento intelectual dos antepassados. Os quatro filhos cresceram ouvindo à noite, em casa, saraus de música e de poesia” (MORAIS, 1994, p. 32). A “catequese cultural” chegava longe ao ponto de, em certo momento da residência da família em Olinda (PE), Assis ser escolhido - como uma forma de tentar curar seus problemas de fala - fazer uma fala de recepção a Carlos Gomes, autor de *O Guarani*, em um almoço de Eugênio Samico, membro da elite lettrada que partilhava com o patriarca daquele núcleo dos Bandeira de Melo o interesse pelas artes. Na mesma época, foi introduzido às letras aos poucos por amigos e membros da família - sendo, logo cedo, apresentado à língua francesa através de monsieur Alphonse Debrot, vizinho belga da família contratado para lhes oferecer aulas do idioma (MORAIS, 1994, p. 41).

Aproximando-se a idade de cursar o ginásio - passo que, diferentemente dos níveis anteriores do ensino, seria crucial para os planos familiares que miravam a Faculdade de Direito de Pernambuco - o jovem Assis Chateaubriand seria mandado à casa de seu tio Chateaubriand Bandeira de Melo, médico em Campina Grande, para se preparar para o exame admissional. Auxiliado por uma professora privada e pela tutela de parentes, aprofundou-se nos estudos de português, aritmética e

geografia e cosmografia do Brasil. O esforço deu resultado e logo o jovem estaria lendo Manuel Maria Barbosa du Bocage e Albino Forjaz Sampaio por conta própria (MORAIS, 1994, p. 44). Nas horas vagas, visitava seu tio, juiz Barnabé Gondim no Fórum de Campina Grande, onde acompanhava o cotidiano das ocupações do mundo do Direito (Idem).

Admitido no ginásio da Escola Naval do Recife, Assis Chateaubriand viveria num quarto com banheiro próprio no pensionato de José Pessoa de Queiroz, amigo de seu pai que o ajudou a se instalar rapidamente na cidade. Através dele, o jovem foi apresentado a um grupo de frades do Convento de São Francisco, como quem conseguiria aprender alemão antes mesmo de completar o ensino básico. O material para tal empreitada viria, novamente, através de um dos amigos de seu pai, cujo concunhado havia deixado uma enorme coleção de volumes na língua germânica. Doada ao nosso analisado, ela representou um grande avanço em seus estudos. Essa capacitação intelectual rendeu, através de um contato com a rica família Lundgren, seu primeiro emprego no ramo do jornalismo, em 1906, dentro da publicação *Gazeta do norte*, dirigida por José Godói de Vasconcelos - outro velho amigo de seu pai (MORAIS, 1994, p. 50-51). Após a eventual falência do jornal. Assis Chateaubriand completaria seus estudos e, tendo em vista sua formação ímpar, seria convidado a se juntar ao periódico *O Pernambucano*, fundado recentemente por intelectuais da cidade (MORAIS, 1994, p. 55). Ali se iniciara uma carreira que, paralela ao Direito, marcaria sua trajetória como um todo.

Antes de seguirmos, notamos que, mais do que as condições financeiras para o aprendizado, deve-se enfatizar o diferenciado acesso de Assis à uma vida cultural de raríssima qualidade comparada à maioria dos jovens naquele mesmo *fin de siècle*. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de reparar na maneira como uma espécie de constelação se forma ao redor do jovem. Quando não era o nome de seu pai que lhe ajudava a dar cabo de seu potencial em diferentes espaços importantes para sua formação, os contatos gerados a partir desse ponto de partida levavam uns aos outros, como em um efeito dominó. O mesmo tipo de privilégio se estenderia aos seus irmãos, empregados em cargos públicos por conta da influência do tio-avô, Herculano Bandeira de Melo, governador de Pernambuco no fim da primeira década do século XX - o mais velho deles, Jorge, passou a atuar como conferente no Ministério da Fazenda, outro, Oswaldo, trabalhou como revisor do Diário de Pernambuco, e Ganot começou como entregador de cartas do Correio (MORAIS, 1994, p. 67).⁷

⁷ Fernando de Morais (1994) é claro em dizer que o pai de Assis Chateaubriand sempre recusou as oportunidades oferecidas pelo cargo político de seu tio, preferindo permanecer como conferente de alfândega, cargo que conseguiu por concurso público e levava junto com suas posições de redator do jornal *O Notícias*, de Alcides Bahia e, mais tarde, em sua própria publicação, intitulada *Reacção* - a possibilidade de sua proximidade pelo mundo do jornalismo ter afetado a trajetória do filho a qual dedicamos este trabalho pode ser sustentada apenas como uma hipótese.

Ao final deste tópico, teremos chegado ao momento em que Assis Chateaubriand terá se estabelecido na capital federal. O caminho até lá envolve um processo em que, através de polêmicas jornalísticas e do desenvolvimento dos recursos investidos em sua formação, o sujeito dessa pesquisa galga um *status* cada vez mais relevante e privilegiado para as elites brasileiras. Chateaubriand - que, na época, ainda assinava como A. Bandeira de Melo - teria seu primeiro livro distribuído no Rio de Janeiro através de seu envolvimento, como polemista, na disputa entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa - mais especificamente, seus ecos sobre a figura do pernambucano Manuel de Oliveira Lima - em meio à campanha civilista, na República Velha. Atacando figuras como Silvio Romero, Assis Chateaubriand acessava novos e mais prestigiosos lugares no jornalismo local do Nordeste brasileiro e começava a ter seu nome reconhecido no Sudeste.⁸

Contudo, o evento catalisador de sua ida ao Rio de Janeiro seria sua disputa pelo cargo de professor de filosofia do direito e direito romano na Faculdade de Direito do Recife⁹ contra Joaquim Pimenta. Noivo da filha de um dos avaliadores do concurso, Assis Chateaubriand seria o escolhido para a vaga sob imensa pressão e acusações de nepotismo.¹⁰ Sua estratégia para defender-se de uma eventual remoção seria tentar um contato com o próprio Presidente da República, Venceslau Brás. Para isso, se utiliza de uma estratégia que se repetiria ao longo de toda a sua vida: converteria contatos e apoios simbólicos em favores e verba monetária para realização de seus planos. Novamente o efeito dominó de suas conexões entraria em movimento. Em Pernambuco, conseguiu auxílio em dinheiro do Comendador José Maria de Andrade - provedor da Santa Casa de Misericórdia - e uma carta que o apresentaria ao empresário Ernesto Pereira Carneiro, sócio da firma *Mendes & Cia.* proprietária do *Jornal do Brasil* na época (MORAIS, 1994, 86). No Rio de Janeiro, conseguiria o apoio do escritor José Veríssimo - a quem havia impressionado por sua participação das polêmicas da campanha civilista - e, a partir daí, seria apresentado a importantes nomes da elite estabelecida na capital federal: entre eles, podemos citar o almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, o Conde Afonso Celso, o jurista Pedro Lessa, do Supremo Tribunal Federal, Irineu Marinho, do *Jornal do Brasil* e pelos políticos Virgílio de Melo Franco, Afrânio de Melo Franco, Esmeraldino Bandeira e Manuel

⁸ Ao longo do texto de Morais (1994), nota-se que, como diretor do *Estado de Pernambuco*, Chateaubriand conheceu Percival Farquhar, dono da *Rio de Janeiro Light & Power*, da *Companhia Telefônica Brasileira*, da *Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande*, de diversas ferrovias e portos pelo Brasil, além da *Amazon Development Land Colonization Co.* Esse é o tipo de contato do qual o ator social em questão pôde se beneficiar ao longo de sua vida para a expansão de suas iniciativas empresariais, compra de pequenos jornais e influências dentro do Estado brasileiro etc.

⁹ O concurso foi promulgado de acordo com o artigo número 43 do decreto nº 11530, expedido pelo Governo Federal, em 1915.

¹⁰ Fernando Morais descreve os bastidores da decisão estabelecendo que o avaliadore que desempataria a disputa "dera inicialmente seu voto a Pimenta, como determinava a lei, e chegara a mandar lavrar a ata com o resultado. Só depois, "cedendo a sugestões estranhas", é que resolvera desempatar em favor de Chateaubriand." (MORAIS, 1994, p. 85).

Vilaboim e até mesmo Epitácio Pessoa (MORAIS, 1994, 89). Por onde passava, angariava pareceres favoráveis a seu caso, propostas de trabalho, mais contatos e garantias de que determinados veículos de mídia operariam em favor de seu pleito - conseguiria até mesmo espaço para escrever em revistas como *A Época* e conceder entrevistas a outros veículos.

Após dois meses mais um de seus contatos, o deputado Vicente Piragibe, conseguiu-lhe uma audiência com Venceslau Brás, na qual, munido de um conjunto de ilustres pareceres, Assis Chateaubriand teve sua vitória assegurada. Contudo, como o leitor já deve imaginar, o sucesso do paraibano do Rio de Janeiro tornaria insignificante a conquista do cargo como professor da Faculdade de Direito do Recife: os contatos, propostas e possibilidades se multiplicaram aos montes e seu nome agora se estabelecia de forma prestigiosa à medida em que circulava entre alguns dos mais importantes círculos da elite brasileira. Seu retorno a Pernambuco seria, na verdade, uma breve passagem em seu caminho para o estabelecimento definitivo na capital federal. Contratado pela já mencionada milionária família Lundgren pela exorbitante quantia de 20 contos de réis mensais para defender os negócios da família em um litígio jurídico no Supremo Tribunal,¹¹ Chateaubriand logo estaria de volta a um dos principais centros da efervescência cultural e econômica da modernidade brasileira, dessa vez, para ficar.

Nota-se como a mobilidade social que marca a trajetória de Assis Chateaubriand se apresenta como objeto pertinente para o entendimento das maneiras pelas quais a análise sociológica permite entender o papel das genealogias e das múltiplas modalidades de heranças que essas denotam nas vidas dos atores sociais. Como bem define Berta (1995), cada um dos *situs* coletivamente organizados traz consigo um conjunto de regras (explícitas ou não) que ditam as formas através das quais é possível utilizar recursos para avançar nas esferas de disputa e concorrência entre indivíduos. A trajetória que temos acompanhado até o momento é justamente o produto do ativamento de determinados pecúlios culturais, simbólicas e intelectuais, transformados em novas possibilidades de acesso. Tudo se passa como em um processo retroalimentativo através do qual privilégios sociais estabelecidos geram novas garantias e possibilidades que, por sua vez, resultam em mais privilégios e assim por diante. Utilizando o vernáculo bourdiesiano (BOURDIEU, 2006), poder-se-ia dizer que, ciente da efetividade utilizável do capital cultural entre as elites letreadas, Chateaubriand usa o peso relativo de sua herança intelectual para produzir um conjunto de deslocamentos que, até o momento, o instalam no coração da Velha República, cercado por políticos, escritores e empresários que lhe

¹¹ Segundo Morais (1994, p. 92), a proposta original contava também com os honorários advocatícios - dos quais Chateaubriand abria mão como um gesto simbólico na construção de uma relação de favores com a endinheirada família.

abrirão as portas importantíssimas. Sabendo da capacidade sedutora dos brilhantes que trazia em sua cabeça, o jovem paraibano usava essas impressões para construções profícias e rentáveis ao longo de sua vida.

A história de Chateaubriand é a história da dívida: saem os cascalhos, entram os contos de réis

"Mas a história de Chateaubriand, diria décadas mais tarde um de seus melhores amigos, era "a história da dívida"..." (MORAIS, 1994, p. 137). Assim o biógrafo e jornalista Fernando de Moraes descreveu o que a trajetória de Assis Chateaubriand evidenciaria como seu *modus operandi* para galgar novos e mais influentes espaços entre os membros da classe dirigente no Brasil. Se, no quinto capítulo de *Razões Práticas* (1994), Bourdieu constrói uma perspicaz elaboração a respeito do que poderíamos chamar de uma *inconscientização* dos processos de dar, receber e retribuir - afamado a partir da formulação maussiana da teoria da dádiva -, devemos notar que vida de nosso analisado aponta abruptamente no sentido contrário: gentil, sedutora e, em determinados momentos, agressivamente, Assis Chateaubriand trabalhava muito conscientemente a partir das quais cobrava e era cobrado. Antes de concluirmos este artigo, dedicamos esta penúltima seção a explorarmos esse protocolo de conversão e reconversão de capitais e recursos materiais e imateriais em um período específico da vida de sua vida: o início de sua relação com Getúlio Vargas e seu envolvimento com a Aliança Liberal.

Para isso, será necessário que realizemos um salto histórico. Acompanhamos Chateaubriand até os idos de 1916 e agora o reencontraremos na segunda metade da década de 1920, já estabelecido e bem estruturado na capital federal brasileira, movimentando o cenário intelectual como jornalista e realizando incursões nos interiores dos salões das elites através de sua atuação nos tribunais. Concretizados parcialmente os objetivos de sua privilegiada formação enquanto um Bandeira de Melo, agora o paraibano assinava como "A. Chateaubriand" - impulsionado pelos benefícios de sua nomenclatura familiar, agora o sujeito de nossa investigação começa sua trajetória em direção ao processo de modernização nacional e sua lucrativa participação nas movimentações desse momento histórico.

Aqui nos deparamos com um Assis Chateaubriand conduzindo uma prática advocatícia estabelecida de forma muito bem-sucedida no Rio de Janeiro, contando com ilustres clientes indicados por alguns de seus aliados na cidade. Além dos clientes indicados pelos antigos amigos e grandes empresários do eixo Rio-São Paulo, Alfredo Pujol e Afrânio de Melo Franco, e de uma rápida

passagem como consultor de leis de guerra para o Ministério das Relações Exteriores, liderado por Nilo Peçanha desde 1917 (MORAIS, 1944, p. 99), nosso analisado mais tarde chegaria, através do milionário canadense Alexander Mackenzie, a ser contratado pelo empresário Percival Farquhar para defender os interesses da *Brazil Railway* na extração de minério de ferro nas terras de Itabira, em Minas Gerais, à medida que encarava uma forte oposição do então presidente do estado, Arthur Bernardes (MORAIS, 1944, p. 123).

Ainda que advogar tenha sido, ao longo de seus primeiros anos na capital, sua principal fonte de renda salarial, Assis Chateaubriand nunca deixou de lado suas ambições jornalísticas. No começo de sua estadia no Rio de Janeiro, mantinha periodicamente suas contribuições em publicações como *A Época*, o *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. Em São Paulo, a convite de Júlio Mesquita, futuro fundador d'*O Estado de São Paulo*, publicava na versão embrionária do grande periódico, o vespertino *Estadinho*. Através desses meios, atuou como correspondente internacional, entrevistou grandes figuras e sentiu o sabor do fecundo ramo da atuação e influência na opinião pública. Esse último hábito lhe rendia poderosos frutos políticos e nela ele se apoiaria durante a maior parte de sua carreira. Trabalhando para o *Correio*, por exemplo, recebera a oferta de tornar-se senador do Pernambuco, com aval do então governador José Bezerra Cavalcanti - proposta que recusou. Pouco depois, sua defesa impressa da campanha do vitorioso Epitácio Pessoa em sua disputa contra Rui Barbosa nas eleições presidenciais de 1919 lhe rendeu não só prestígio junto ao presidente, mas, segundo Morais (1994, p. 105), a possibilidade de indicar alguns de seus contatos para cargos importantes - como o caso de José Pires do Rio, seu assessor no Jornal do Brasil, que se tornaria ministro de Viação e Obras Públicas.

Porém, não nos confundamos: o apoio oferecido a políticos como Epitácio Pessoa encontram lastro não em convicções morais ou ideológicas, mas em escolhas estratégicas dentro de uma lógica de ascensão social. Materialização corpórea da mídia dentro da indústria cultural descrita por Theodor Adorno¹², Assis Chateaubriand nunca foi avesso à lucrar tanto com o casto, quanto com o profano. Nossa analisado, por exemplo, seria um dos poucos a entrevistar Karl Kautsky, o grande teórico marxista, e publicar textos de Leon Trotsky enquanto, ao mesmo tempo, concedia destaque em suas publicações à Benito Mussolini (MORAIS, 1944, p. 149); no cenário nacional, rechaçou a proposta da Semana de Arte Moderna de 1922 (MORAIS, 1944, p.127-128) e, mais tarde, constatado o sucesso da empreitada, usaria sua influência jornalística para exaltar grandes nomes do movimento, como

¹² Me refiro ao seminal capítulo dedicado ao tema da indústria cultural, dentro de *Dialética do Esclarecimento*, originalmente publicado em 1944.

Tarsila do Amaral (MORAIS, 1944, p. 147). Mantendo-se sempre atento à mudança dos ventos - e às vezes influenciando, ele mesmo, esse processo - o jornalista colocava as possibilidades de retorno simbólico, político e econômico na frente de qualquer delimitação clara e firme de alguma postura pessoal.

Sua aproximação com Getúlio Vargas surgiria, em parte, enquanto efeito colateral desse estilo de atuação. Como resultado da instabilidade política motivada pelos eventos que marcaram o Tenentismo e a Coluna Prestes, o recém-eleito presidente Arthur Bernardes declara, em 1924, estado de sítio em território nacional e, com isso, concede a si mesmo mais possibilidades de agir de forma ríspida a suas desavenças políticas. Por conta de seus embates em meio à questão da exploração de ferro em Itabira alguns anos antes, Chateaubriand e Bernardes atuavam como opositores: o chefe do executivo frustrava, sempre que podia, interesses do paraibano - que, por sua vez, usava sua crescente influência midiática para alfinetá-lo constantemente. Esse entrave marcou, inclusive, as barreiras iniciais oferecidas pelo governante para evitar que seu antagonista tivesse seu próprio jornal, vencidas por conta de dois rápidos movimentos de compra, postos em movimento através de um capital angariado através do que hoje chamaríamos hoje em dia de ágeis rodadas de investimento.¹³ Contudo, mantendo sua ambivalência estratégica, Chateaubriand dedicava claros esforços jornalísticos para fazer oposição a Arthur Bernardes e, ao mesmo tempo, mantinha boas relações com apoiadores do presidente e componentes de seu plano de governo. Assim, através do deputado federal gaúcho Lindolfo Collor, conheceu Getúlio Vargas, que logo deixaria o poder legislativo para tornar-se ministro e governador.

A ambição por projetos de âmbito nacional unia as duas figuras, que continuaram a se comunicar e trocar privilegiadas informações ao longo do governo seguinte, presidido por Washington Luís - com quem Chateaubriand teve uma relação ainda mais tensa. Segundo Fernando de Moraes (1994, p. 176), por exemplo, o jovem dono de uma pequena rede de jornais seria um dos primeiros a saber dos planos da candidatura de Vargas, ainda em 1927, e endossá-la indiretamente em suas publicações. Contudo, mais importante do que conhecimento privilegiado é a concretização

¹³ Morais (1994) conta que a compra do folheto *O Jornal*, por exemplo, veio de empréstimos e a ajuda de seus contatos: de Alfredo Pujol, conseguiu a quantia milionária de 1500 contos de réis. Raoul Dunlop compraria 50 contos de réis, Guilherme Guinle lhe ofereceu mais 150 contos de réis, o cafeicultor e exportador Vicente de Almeida Prado concedeu-lhe mais 20 em próprio nome e mais 20 em nome dos cafeicultores paulistas - todos esses nomes prometendo trazerem novos parceiros para investir na publicação. Um ano depois viriam as próximas compras - do Diário da Noite de da Revista do Brasil, em São Paulo. Guilherme Guinle, dono da Companhia Docas de Santos, novamente fez um grande aporte - 75 contos de réis - que, somado ao investimento de Carlos Leônio Magalhães, presidente da Sociedade Rural Brasileira, garantiram que Assis Chateaubriand, com pouco mais de 30 anos de idade, começasse seu conglomerado midiático.

material de relações estabelecidas ao longo de uma trajetória. E, ao longo do processo de ebulação que levaria à mudança de governos em 1930, Assis Chateaubriand se beneficiaria bastante de sua proximidade com a figura central do que viria a ser a Aliança Liberal.

Um dos projetos de ambição nacional do empresário midiático era reviver um projeto de uma revista ilustrada de circulação nacional - a revista que nasceria como *Cruzeiro* e, mais tarde, se tornaria *O Cruzeiro*. A busca por Vargas por financiamento para o projeto é um exemplo da forma como a influência política, quando transversalizada nas - nem sempre declaradas - relações entre Estado e mercado, afeta projetos importantes para donos de empresa e para o cenário social nacional. Ainda que não tivesse consigo um largo capital financeiro, o então governador do Rio Grande do Sul tinha os meios para acessar formas de financiamento. Uma reunião com Antônio Mostardeiro, companheiro sulista e, na época, dono do Banco da Província, foi suficiente para que, em algumas horas, Chateaubriand tivesse os 250 contos de réis necessários para dar continuidade com seus negócios (MORAIS, 1994, p. 179).

Esse, contudo, seria apenas o começo. Há um ano da disputa eleitoral, selado o acordo entre Getúlio Vargas, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, as coisas se aceleraram rapidamente. Convincido a respeito da necessidade de mais jornais que assumissem a causa da Aliança Liberal, Chatreaubriand conseguiu o aval, o capital e a garantia de lastro para arcar com futuras dívidas e, assim, multiplicar seu conglomerado midiático. Os fundos que financiavam a chapa eleitoral¹⁴ em questão e a influência de seus companheiros abririam para ele as portas no Sul com a compra do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre.¹⁵ Pouco depois, com o argumento da necessidade de influência da classe trabalhadora carioca, o paraibano contaria com os recursos levantados pela Aliança para a fundação da versão carioca do *Diário da Noite*. Em Minas Gerais, em vez de conquistar as publicações locais, o plano foi comprar o *Estado de Minas*, comprado de Pedro Aleixo por 700 contos de réis (MORAIS, 1994, p. 202). Ao fim de 1929, além das novas aquisições, o conjunto de publicações que formavam Diários Associados ainda contaria com novo maquinário estrangeiro trazido ao Brasil dos Estados Unidos e divididos entre os jornais e revistas de

¹⁴ É importante notar que que Chateaubriand não atuaria apenas midiaticamente a favor da Aliança Liberal no processo eleitoral, mas, como conta Morais (1994), seria responsável por atribuições internas, coordenação de convenções e, quando o cenário já apontava para um desenvolvimento violento para além da esfera eleitoreira, articulações e sondagem a respeito de quais membros da Aliança estariam prontos para assumir uma postura mais agressiva para o alcance de seus objetivos.

¹⁵ Anos antes a tentativa de compra havia sido embargada por Osvaldo Aranha - na época, deputado federal pelo estado - como cautela contra uma possível intromissão mineira no Rio Grande do Sul. Agora, com a aliança entre gaúchos e mineiros estabelecida, uma precária via de negociação se tornara uma larga via de mão dupla, através da qual Chateaubriand poderia circular com facilidade graças a sua posição privilegiada.

Chateaubriand - nesse ano, segundo Morais (1994, p. 191) a receita líquida do grupo midiático foi de milionários 12 mil contos de réis. Em troca, os representantes da Aliança Liberal contavam com todo o apoio de suas publicações que lhes oferecia uma cobertura muitas vezes maior do que a de seus adversários - como é o caso da revista *O Cruzeiro* que, para cada página dedicada à chapa formada por Prestes e Vital Soares, sete tratariam dos aliados de Chateaubriand (MORAIS, 1994, p. 208) - e com a garantia espaço midiático para amplificar as acusações de fraude eleitoral que, em alguns meses, levariam ao novembro de 1930 em que Getúlio Vargas se tornaria presidente.

Conclusão

Logo a revolução de 1930 se consolidaria e, ainda que o paraibano viesse a degladiar-se com Vargas num futuro não muito distante, o *modus operandi* do vindouro magnata das comunicações se manteria, em essência, o mesmo: ao longo de sua trajetória, Assis Chateaubriand construiria em torno de si uma constelação de atores sociais que poderiam, nos momentos certos, se converterem em recursos financeiros, garantias credíarias, abertura para indicações, acesso a informações política e economicamente lucrativas. Assim, ele construiria um verdadeiro império que faria dele um dos homens mais influentes do país nas décadas que seguiram¹⁶: na altura de sua morte, em 1968, o empresário comandava um conglomerado que, sob a alcunha de *Diários Associados*, contava 36 emissoras de rádio, 34 jornais, cerca de 18 estações televisivas, revistas semanais, mensais para adultos e crianças, além da editora *O Cruzeiro* (JÚNIOR, 2004).

Com sorte, a partir da amostra escolhida, o presente artigo conseguiu demonstrar a complexa e intrincada ligação entre a construção de uma fortuna que transpassa diversas instituições, esferas de poder e campos de competição social e os recursos herdados, ativados e reconvertidos pelo dono desses patrimônios financeiros e simbólicos a partir de seu lugar de nascença. Casos como os de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo reforçam a constatação apresentada por Ricardo Costa de Oliveira, Mônica Helena Harrich Silva Goulart, Ana C. Vanali e José Marciano Monteiro (2017), a respeito da centralidade do elemento familiar as as análises políticas que devem ocupar parte da agenda de Sociologia no Brasil. Nesse sentido corrobora-se a ideia de que estudos das vidas das figuras que recheiam a história política e cultural do país, somados às histórias familiares dos sujeitos em questão,

¹⁶ Além de sua enorme presença no mercado das comunicações midiáticas brasileiras, Chateaubriand também entraria oficialmente nas instituições políticas mais tarde, atuando como senador da república entre 1952 e 1957. Em 1960, ainda seria prestigiado com um segundo convite (dessa vez aceito por ele) para se tornar membro da Academia Brasileira de Letras.

contribuem em muito para o entendimento da construção e concretização destinos individuais a partir de lugares reproduzidos a partir de marcadores socialmente estruturados como a classe, por exemplo.

Utilizado ao longo do texto, o mote apresentado por Olavo Bilac resume bem a trajetória do jovem paraibano que, aos poucos, acessa e torna efetivo o conjunto de recursos que lhe são disponibilizados a partir de uma herança que, se não abastada, é recheada de espólios intelectuais e contatos que, aos poucos, abrem portas e trazem consigo relações que possibilitam influenciar processos comerciais, políticos e sociais. Polidos e bem apresentados, os brilhantes que Chateaubriand trazia em sua cabeça logo substituiriam os cascalhos de seu bolso por uma grande quantidade de contos de réis e de uma indispensável oportunidade de usufruir de crédito financeiro responsável pela concretização de um itinerário de mobilidade social ascendente construído a partir de uma vida marcada por intensas trocas e reconversões e capitais múltiplos.

É central reforçar que o presente artigo contém em si importantes limitações ligadas ao recorte temporal que marca o recorte escolhido para análise e ilustração argumentativa. Chateaubriand se tornaria uma figura ainda mais influente das décadas de 1940 a 1960 e participaria de negociatas e movimentações ainda mais intensas às vésperas de sua empreitada para instaurar a televisão como parte da mídia nacional. Ele também se casaria algumas vezes ao longo de sua vida - objeto que merece uma análise específica, tendo em vista a bibliografia sobre o tema¹⁷. Contudo, uma amostra como essa requer espaço e fôlego que ultrapassam este texto. Espera-se, contudo, que as páginas acima possam ser retomadas ou mesmo reutilizadas para a construção de um esforço de escopo mais largo para dar conta das formas através das quais poder, instituições políticas e família se cruzam no interessantíssimo emaranhado examinado na tentativa de compreensão sociológica da trajetória daquele que biógrafos e diretores de cinema tão romanticamente nomeiam como *O Rei do Brasil* na virada da primeira para a segunda metade do século XX.

Referências

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Cristina Kraemer. A História das Revistas no Brasil. **Biblioteca online de ciências da comunicação**. 2010

BARRETO, Carlos Xavier Paes. **Primitivos colonizadores nordestinos**. Rio de Janeiro, Editora Vermelho Marinho, 2010.

¹⁷ Me refiro ao texto *Nepotismo, Parentesco e Mulheres* (2016), organizado por Ricardo Costa de Oliveira e baseado na constatação de que o matrimônio é parte central das relações de favorecimento e nepotismo no Brasil.

BERTAUX, Daniel. **Destinos Pessoais E Estrutura De Classe** - Para Uma Crítica Da Antroponomia Política. Rio Janeiro, Zahar, 1979.

BERTAUX, Daniel. Social Genealogies Commented on and Compared: An Instrument for Observing Social Mobility Processes in the `Longue Durée`. **Current Sociology**, 43: 69, pp. 69-88, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. São Paulo, Papirus Editora, 1994.

CASTRO, Thiago Aguiar. **Chatô, O Rei do Brasil**: ações de inovação de um empreendedor brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração. Fortaleza, 2019.

CHAVES JÚNIOR, José Inaldo. Os Bandeira de Mello e os Poderes Locais na Paraíba colonial: redes, hierarquias e patrimônio familiar (c.1747-c.1780). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.-jun., pp.290-313, 2015

CHAVES JÚNIOR, José Inaldo. "As partes do Norte": império e identidades locais em relatos da natureza de Pernambuco e Paraíba (1790-1817). **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v.26, pp.1-21, 2019

CHAVES JÚNIOR, José Inaldo. **"As duras cadeias de hum governo subordinado"**: história, elites e governabilidade na capitania da Paraíba (c.1755 - c.1799). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

DINIZ, Muriel Oliveira. **Para além do sagrado**: tramas políticas e jogos de poder de um vigário na capitania da Paraíba nos setecentos (1741-1785). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Zahar; 1ª edição, 1994.

FADUL, Anamaria. A internacionalização dos grupos de mídia no Brasil nos anos 90. **Comunicação e Sociedade**, n. 29, pp. 67 - 76, 1998.

FERRAZ, Socorro. Sesmarias do Açúcar, Sítios Históricos. **Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica**, n. 26, v.2, 2008, pp. 59-78.

FERREIRA, Edgardo Pires. **A mística do parentesco**: uma genealogia inacabada: a teia do parentesco em Pernambuco. 1a ed. Garulhos, SP, abc Editorial, 2011.

FERNANDES, L.; COUTINHO, I.; MATA, J. TV Mariano Procópio nas páginas dos Diários Associados: contextos históricos, disputas políticas e narrativas identitárias. **Revista FAMECOS**, v. 18, n. 1, p. 180-197, 4 maio 2011.

JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis**: a Formação do Mercado Editorial Brasileiro e a Censura aos Quadrinhos, 1933-1964. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

LIMA, Ana Paula Pereira. **Assis Chateaubriand e Silvio Santos**: Patrimônios da Imprensa Nacional. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2.sem. 2001.

MARQUES, A. H. de Oliveira. História genealógica do homem comum: *micro-história ou macro-história?*. **Revista da Faculdade de Letras**. III Série, vol. 4, pp. 173-186, 2003.

MELLO, Evaldo Cabral. **Olinda restaurada**: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654. São Paulo, Editora 34, 2007.

MENEZES, Mozart Vergetti de. **Colonialismo em Ação**: fiscalismo, economia e sociedade na Capitania da Paraíba (1647 – 175). São Paulo, SP: Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Departamento de História, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 190-199. 2000

MORAIS, Fernando de. **Chatô**: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo, Companhia das Letras,. 1994.

OLIVEIRA, R; GOULART, M., VANALI, A.; MONTEIRO, J. Família, parentesco, instituições e poder no Brasil: retomada e atualização de uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 05, no. 11, Set/Dez, pp. 165-198, 2017.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Na teia do nepotismo** – sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil. Curitiba: Insight, 2012.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **Rádio Camélia/NESEF** - Prof. Dr. Ricardo Costa de Oliveira, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zDX4V_aMZd4>. Acesso em: 26 fev. 2020

SANTOS, Yara M. Q. B. Freira dos. **Estratégias de poder e de liberdade nos conflitos da Paraíba**: o Governador, uma mulher, um escravo e dois padres (1769 -1784). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

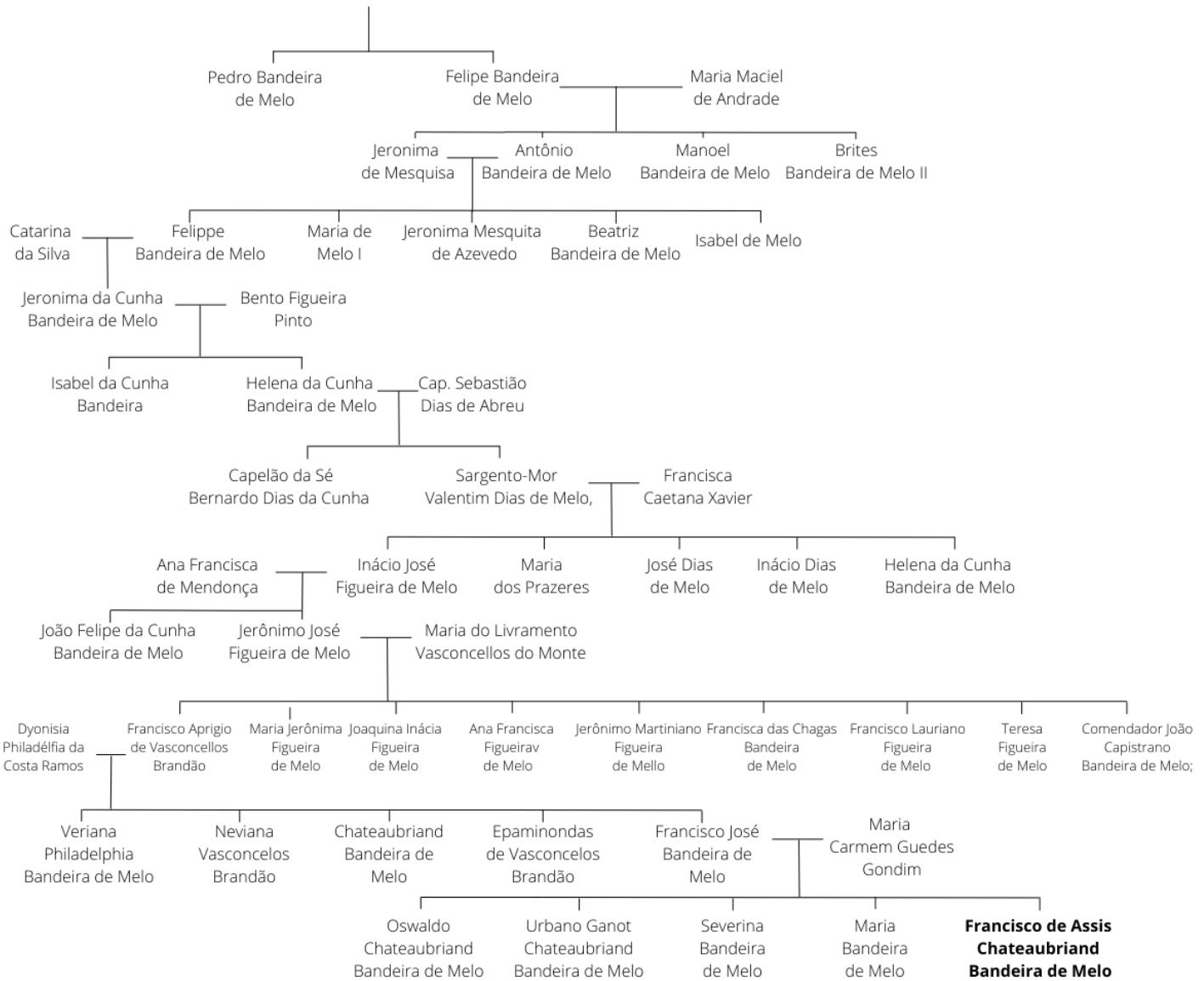
SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo:Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Edna de Mello. 70 anos de Telejornalismo no Brasil: A inauguração da TV Tupi e o Legado do Telejornal Imagem do Dia. 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2020

SOUZA, Adriana Barreto de; LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **Revista História e Historiografia**, n.9, agosto, pp. 26-37, 2012.

ANEXO 1

FIGURA 1: Genealogia dos Bandeira de Melo a partir do ramo iniciado por Felipe Bandeira de Melo. Autor: Henrique Quagliato



Fonte: Pesquisa bibliográfica desenvolvida pelo autor.

Recebido em: 3 mar. 2022.
Aceito em: 8 jun. 2022.